

RESENHA

O AMOR IMPIEDOSO (OU: SOBRE A CRENÇA)

MATTOS¹, Elizângela Inocência

ŽIŽEK, Slavoj. *O Amor Impiedoso (ou: sobre a crença)*. Trad. de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

O avanço tecnológico, o maior acesso à informação, a existência de um Estado laico, e o aumento do respeito às liberdades individuais permitem que cada um declare suas verdades, bem como se oponha àquelas estabelecidas e aceitas pela sociedade.

Atualmente, o ato de romper com algumas crenças antigas ocorre, na maior parte do tempo, de forma pacífica. É possível, por exemplo, abdicar da fé em uma religião, sem ser punido. Ato este impraticável na Idade Média.

Entretanto, mesmo para o ateu mais fervoroso não consiste tarefa fácil escapar das estruturas da crença. É sobre essa contradição que Slavoj Žižek trata uma pertinente discussão em *O Amor Imperioso (Ou: Sobre a Crença)*.

Por meio do enlace entre diversas vertentes do conhecimento (filosofia, psicanálise, cinema, entre outras), o filósofo esloveno demonstra os paradoxos da crença, que, a despeito de todas as possibilidades de crítica e ruptura, permanece presente no cotidiano das pessoas, mesmo que de forma inconsciente. Sendo assim, a figura do “Pai” conserva-se viva.

O autor argumenta que a impiedade consiste na permanente presença da crença, seja em práticas contraditórias, seja em nossas ações, de modo subliminar. Assim, sucumbir à crença pode ser compreendido como um caminho verdadeiro, melhor dizendo, um caminho no qual temos muito pouco a recusar, porque nossas ações, conscientes ou não possuem um modo peculiar de crer. A pergunta “em que acreditamos?” parece dar lugar à afirmação “estamos sempre atrelados a alguma forma de crença”. Por mais paradoxal que possa parecer a resposta, ela está implícita até mesmo em uma simples atitude.

Žižek propõe a revisão da estrutura simbólica fomentada pela crença, como forma de compreender que a condição estabelecida e cômoda de pensar carrega em si um aspecto de mudança. Esta, no entanto, não consegue superar o elemento de permanência. Uma vez

¹ Doutoranda no PPG-Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professora da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: elizangelamattos@uft.edu.br

mais, o que está em jogo é revelar a força da crença, sua verdadeira face, diante até das mais declaradas críticas a uma autoridade religiosa.

A tradução brasileira nos traz dois títulos que o livro teve quando na época de sua publicação: *O Amor Impiedoso*, título da edição alemã e *Sobre a Crença*, da versão inglesa. Esta obra de Žižek discute a estrutura do amor impiedoso, a saber, a crença, que reside provocativamente em muitas ações cotidianas.

No capítulo “*Economia, economia, Horácio*”, o filósofo analisa o ato de economizar representa nos dias atuais, definindo-o como um elemento forte da sociedade capitalista que carrega em si o vício da avareza.

Sobre a relação entre Deus e os homens, em “*Contra a heresia digital*”, o filósofo parte de um debate entre um rabino, um padre católico e um batista. O que está em xeque são, as coordenadas que nutrem a crença de cada um. Mais adiante, o capítulo “*Você deveria se importar (com essa merda)*”, propõe uma reflexão sobre ao objeto anal, partindo da discussão da crença nos romances de Graham Greene, que examina o aspecto traumático da crença religiosa.

Do mesmo modo, no capítulo “*Pai, por que me abandonaste?*” Žižek analisa, à luz da tese lacaniana do Grande Outro, a experiência religiosa, entendendo-a como um desligamento da rotina. Examinando as grandes religiões, o autor reflete sobre a figura do “Pai” que perpassa todas elas e que possui importância elementar .

Os capítulos do livro reforçam o já dito no título da introdução, “*Deus é inconsciente*”, do qual se origina a argumentação sobre a impossibilidade de fugir à crença.

É dessa maneira que o autor de *Vivendo em Tempos Sombrios* e de *Lacrimae Rerum*, mostra-nos, por vias diversas, a presença das estruturas da crença em nosso cotidiano, daí seu caráter impiedoso.